

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO**

RÉGIS FERNANDO PEIXOTO JÚNIOR

**TERRITORIALIZAÇÃO DO AGRONEGÓCIO CAFEEIRO NO MUNICÍPIO DE
ARAGUARI-MG (1970-2018)**

Uberlândia (MG)

2021

RÉGIS FERNANDO PEIXOTO JÚNIOR

**TERRITORIALIZAÇÃO DO AGRONEGÓCIO CAFEEIRO NO MUNICÍPIO DE
ARAGUARI-MG (1970-2018)**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao curso de Geografia do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), para obtenção do grau de **Bacharel em Geografia**.
Orientadora: Profa. Dra. Geisa Daise Gumiero Cleps

Uberlândia (MG)

2021

Régis Fernando Peixoto Júnior

**TERRITORIALIZAÇÃO DO AGRONEGÓCIO CAFEEIRO NO MUNICÍPIO DE
ARAGUARI-MG (1970-2018)**

Profa. Dra. Geisa Daise Gumiero Cleps (Orientador/UFU)

Prof. Dr. Marcelo Cervo Chelotti (UFSM)

Dra. Natália Lorena Campos (LAGEA/NEAT – UFU)

Uberlândia 11/06/2021

Resultado 100 pontos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por não me deixar desanimar em momento algum nestes anos de caminhada. Por me mostrar que o fardo nunca era maior do que eu poderia aguentar e que posso ir cada vez mais além.

De todo o meu coração, agradeço aos meus pais, Diuliane Nunes da Cunha e Régis Fernando Peixoto por estarem presentes em todos os dias da minha vida, me aconselhando tão bem a fazer tudo com amor, vontade e muita dedicação. Serei eternamente grato por tudo que fizeram e ainda farão por mim. Todo o meu esforço é para lhes orgulhar.

À Professora Dra. Geisa Daise Gumiero Cleps por aceitar me orientar neste trabalho, mesmo que na reta final, com muita dedicação e compreensão quanto às minhas escolhas. Espero um dia ser um pouco da sua excelência profissional. Sou grato por toda sabedoria que partilhou comigo.

Meu carinho e agradecimento aos meus colegas de graduação, que posso chamar de amigos, Caio Zorzenon, Gabriel Ferri Marques e Felipe Menandro Loria que fizeram a caminhada ser mais leve e tranquila. Que me auxiliaram em cada batalha e não me deixaram desistir nos momentos mais conflituosos.

Em especial à minha companheira e amiga Bianca Machado dos Santos, que esteve comigo nesses últimos tempos, incluindo as vitórias e perdas, sempre me mostrando a melhor versão de tudo.

Meu singelo agradecimento também ao Professor Dr. Marcelo Cervo Chelotti por ser meu primeiro orientador e ter me ajudado a desenvolver este trabalho, em sua grande parte, também me trazendo indagações necessárias ao crescimento pessoal e intuitivo.

Agradeço ainda, a todos que direta ou indiretamente me auxiliaram na elaboração deste trabalho e nos incentivos da vida acadêmica.

RESUMO

A produção e o consumo do Café do Cerrado é uma atividade consolidada no mercado brasileiro e vem ganhando cada vez mais destaque e espaço no mercado internacional. A mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, onde é produzido o Café do Cerrado, utiliza de novas tecnologias, a partir do uso intensivo de insumos, de técnicas de irrigação e maquinário, que remetem a cafeicultura moderna, atuando de maneira competitiva no mercado. O município de Araguari-MG foi pioneiro na criação de uma associação de cafeicultores na região e o precursor na aplicação da técnica de irrigação do café, sendo, atualmente, uma referência em tecnologia na produção de café, assim se tornando a “capital do café irrigado” por conta dessa atividade. Assim, o presente estudo busca compreender a importância do processo de territorialização da lavoura cafeeira e como ela ocorreu no município de Araguari, apresentando as origens e condicionantes da implementação da cafeicultura moderna na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Apresenta-se a caracterização do agronegócio cafeeiro, sua importância econômica e a questão locacional imposta por esta atividade no referido município. Nessa perspectiva, conclui-se com a identificação de futuros cenários e perspectivas para o agronegócio cafeeiro araguarino.

Palavras-chave: Geografia do Café. Cafeicultura. Café do Cerrado. Araguari (MG).

ABSTRACT

The production and consumption of Café do Cerrado is a consolidated activity in the Brazilian market and is gaining more and more prominence and space in the international market. The Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba region, where Café do Cerrado is produced, uses new technologies based on the intensive use of inputs, irrigation techniques and machinery that refer to modern coffee growing, acting in a competitive manner in the market. The municipality of Araguari-MG was a pioneer in the creation of an association of coffee growers in the region and a precursor in the application of the coffee irrigation technique, being currently a reference in technology in coffee production, thus becoming the “capital of irrigated coffee” because of this activity. Thus, this study seeks to understand the importance of the process of territorialization of coffee farming and how it occurred in the municipality of Araguari / MG, presenting the origins and conditions for the implementation of modern coffee farming in the Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba region, furthermore, characterizing the coffee agribusiness with its economic importance and the locational question imposed by this activity in the aforementioned municipality and, concluding with the identification of future scenarios and perspectives for araguarino coffee agribusiness.

Key-Words: Coffee Geography. Coffee Culture. Cerrado Coffe. Araguari (MG).

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Araguari (MG): Áreas de Plantio de Café em 2018	33
Figura 2- Araguari (MG): Empresas de Máquinas e Peças Agrícolas.....	41
Figura 3- Araguari (MG): Empresas de Insumos Agrícolas.....	42
Figura 4- Araguari (MG): Empresas de Irrigação e Armazéns, 2021.....	44
Figura 5- Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA).....	47
Figura 6- Araguari (MG): Capital Mundial do Café Irrigado.....	48
Figura 7- Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura (FENICAFÉ).....	50

ÍNDICE DE MAPAS, QUADROS e TABELA

Mapa 1- Localização do Município de Araguari (MG).....	12
Quadro 1- Programas Governamentais de Desenvolvimento Agrícola no Cerrado.....	20
Quadro 2- Produção Cafeeira em Municípios da Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – 1970.....	30
Quadro 3- Araguari (MG): Empresas e Armazéns Agrícolas, 2021.....	39
Tabela 1- Produção Cafeeira em Municípios da Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – 2018.....	31

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Maiores Produtores Mundiais de Café em 2018.....	25
Gráfico 2- Brasil: Maiores Produtores de Café em 2018.....	26
Gráfico 3- Brasil: Área Plantada de Café em 2018 (em ha)	27
Gráfico 4- Araguari (MG): Quantidade de Café Produzido – 2018 (em t)	34
Gráfico 5- Araguari (MG): Localização das Empresas Agrícolas, por Bairros, em 2021.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ORIGENS E CONDICIONANTES DA IMPLEMENTAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA NO MUNICÍPIO DE ARAGUARI.....	15
2. O AGRONEGÓCIO CAFEIEIRO E SUA IMPORTÂNCIA ECONÔMICA NO BRASIL.....	24
3. ARAGUARI, A “CAPITAL MUNDIAL DO CAFÉ IRRIGADO”.....	32
4. FUTUROS CENÁRIOS E AS PERSPECTIVAS PARA O AGRONEGÓCIO CAFEIEIRO DE ARAGUARI.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

A cafeicultura no território brasileiro, além de representar um papel socioeconômico essencial, é responsável por cerca de um terço da produção mundial de café o que faz com que o país seja o maior produtor e maior exportador mundial de café, posição mantida nos últimos 150 anos.

Em um mercado globalizado e cada vez mais exigente, a atividade cafeeira brasileira possui uma grande rigorosidade a qualquer tipo de trabalho escravo ou infantil, tendo em vista às questões sociais e ambientais, daí a preocupação em se garantir a produção de um café sustentável.

O Estado de Minas Gerais é o maior produtor de café do Brasil, correspondendo em torno de 50% da produção nacional, sendo que praticamente 100% das plantações são de café Arábica. Esta espécie de café é caracterizada por produzir cafés de ótima qualidade e aromas intensos, sendo cultivado em quatro regiões pelo estado, com destaque para o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba onde se cultiva o café do cerrado (MAPA, 2018).

A região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba possui as condições de temperatura e pluviosidade essenciais ao cultivo do café (invernos secos coincidentes com as colheitas), ligadas às condições de relevo, com vastas áreas planas (PEREIRA, 2014). Porém, antes dessa região do cerrado se destacar pela cafeicultura, as produções de café se concentravam no sul do país, principalmente no norte do estado do Paraná.

Entretanto, questões de oferta e demanda fizeram com que fosse erradicado naquele estado cerca de 1,3 bilhões de pés no período de junho de 1962 a maio de 1967. Juntamente com essa grande erradicação, naquele período, as intensas geadas contribuíram para a criação do Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais (PRRC), concretizado a partir de

1969/70, o qual representou um marco no setor cafeeiro por objetivar principalmente os financiamentos para plantios em novas áreas (ASSUNÇÃO, 2002).

Simultaneamente, no mesmo período ocorria a implantação de uma nova agricultura no Brasil, a agricultura moderna que é caracterizada pela introdução de novas tecnologias a partir do uso intensivo de insumos e maquinário (OTTOBELI, 2005), contribuiu ainda mais para que a cafeicultura expandisse sua fronteira, atingindo o município de Araguari e as demais áreas de cerrado no Estado de Minas Gerais (ASSUNÇÃO, 2002).

Além disso, o Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba junto com o Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata e outros estados, receberam diversos subsídios por meio de programas governamentais na época, para a instalação e ampliação de atividades agrícolas no território brasileiro. Logo, os anos 1980 e 1990 são marcados pela especialização da região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba no cultivo de café.

A formação de associações de cafeicultores no município de Araguari, Patrocínio e Carmo do Paranaíba, culminaram na criação do Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado (CAC CER), o qual originou a marca “café do cerrado” que, além de identificar a região produtora, insere o conceito de alta qualidade desse café. Portanto o “café do cerrado” é síntese da moderna cafeicultura, inovando ao se utilizar da mais alta tecnologia em equilíbrio com o espaço de produção para produzir assim a mais refinada bebida (ACA, 2015).

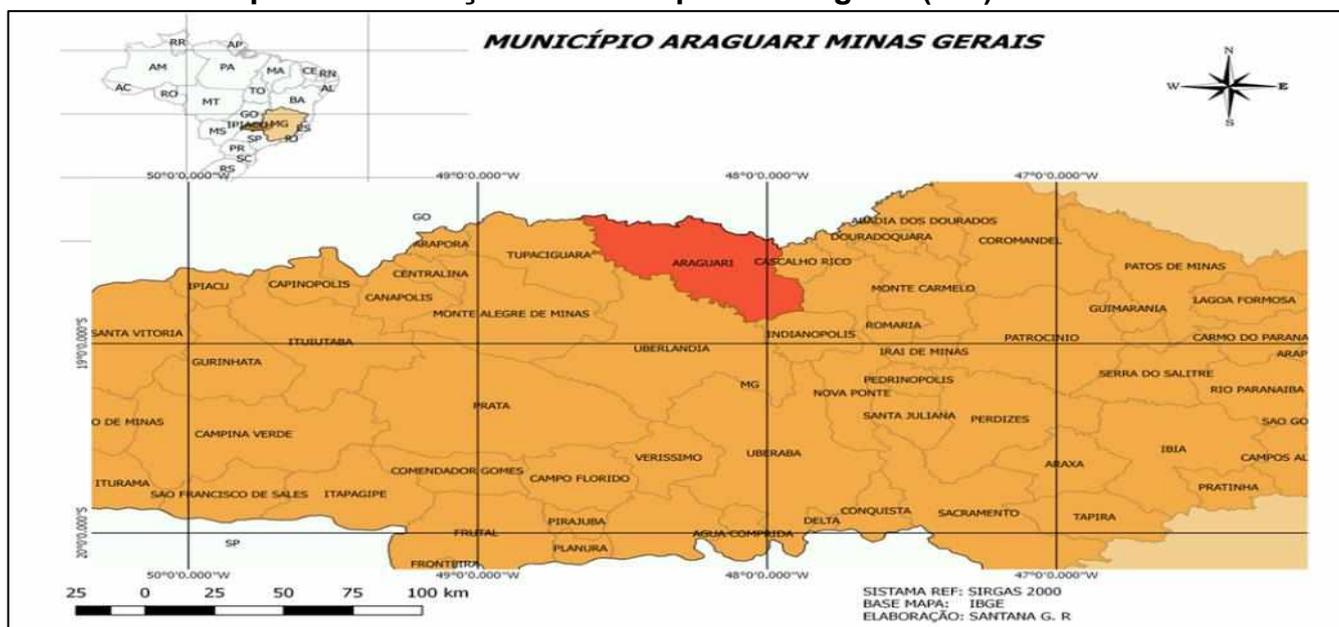
O desenvolvimento de associações de cafeicultores na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, ocorreu, primeiramente, no município de Araguari com a criação da Associação de Cafeicultores de Araguari (ACA), em 1986, com o objetivo básico de ser o órgão de representação e defesa da classe dos que se dedicam à cafeicultura, bem como garantir progresso e aprimoramento da cafeicultura em sua área territorial (ACA, 2015). Araguari foi também pioneiro na aplicação da técnica de irrigação do café fazendo com que os cafezais, na década de 1990, fossem mais produtivos e econômicos do que

antes (ASSUNÇÃO, 2002), conferindo-lhe, atualmente, o título de “Capital do Café Irrigado”.

O território do município de Araguari-MG assim como a região do cerrado mineiro utiliza-se das novas tecnologias a partir do uso intensivo de insumos, técnicas de irrigação e maquinário que remetem à cafeicultura moderna, atuando de maneira competitiva no mercado (OTTOBELI, 2005).

Portanto, Araguari, destacado no mapa em sequência, é referência em tecnologia na produção de café, representando um dos maiores índices produtivos do Cerrado mineiro com cerca de 50 sacas/a., atribuindo à cafeicultura importante papel socioeconômico no município, o que contribuiu para que se torna-se o local onde ocorre, anualmente, a FENICAFÉ- Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura, a qual é maior evento sobre café irrigado do país.

Mapa 1- Localização do Município de Araguari (MG)



Fonte: IBGE, 2000.

Diante do exposto, o objetivo principal desta pesquisa é compreender a importância do processo de territorialização da lavoura cafeeira no município de Araguari/MG, realizando um diagnóstico geral do agronegócio cafeeiro. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram feitos por meio de métodos quali-quantitativos, através de um levantamento bibliográfico acerca de temas relacionados com a cafeicultura brasileira, a região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e o território do município de Araguari perante o agronegócio cafeeiro.

Foram analisados artigos, teses, revistas, trabalhos e livros que contém temas relacionados com aspectos gerais e específicos sobre a cafeicultura desenvolvida no Brasil e na região do cerrado mineiro e do município de Araguari. Com a finalidade de atender os objetivos propostos neste trabalho, para a análise conceitual foram utilizados vários autores geógrafos como Claude Raffestin, Milton Santos, Heliana Vargas, Denise Elias, Bernardo Mançano Fernandes, Silvio Bray, Marcos Aurélio Saquet entre outros.

Além disso, houve o levantamento de dados numéricos (apresentando gráficos e tabelas) pesquisados em sites de instituições e órgãos como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA).

É importante destacar que foi realizada uma pesquisa de campo na cidade de Araguari, com o intuito de demonstrar em quais bairros da cidade há uma maior concentração de empreendimentos rurais voltados ao agronegócio cafeeiro, assim comprovando uma questão locacional existente no setor terciário da cidade.

O principal método adotado na pesquisa de campo foi o da observação, ferramenta fundamental na descoberta espacial, além de ser um atributo básico para se entender o visível. Ainda é importante ressaltar que a pesquisa de campo foi realizada em tempos de pandemia. Logo, tornou-se inviável realizar entrevistas e outros tipos de contato presenciais com os produtores rurais de Araguari. Assim, afirma-se que para a realização deste trabalho foram

respeitadas todas as medidas sanitárias impostas pelo governo municipal de Araguari.

Desta maneira, no item 1 é discutido as origens e as condições que levaram à implementação da lavoura cafeeira em Araguari, apresentando como se deu a erradicação das lavouras de café no sul do Brasil e, conseqüentemente, a modernização agrícola que ocorreu no país, também será discutido os planos governamentais para o desenvolvimento de atividades agrícolas no Cerrado Mineiro, além disto é exposto às condições físicas e o desenvolvimento da malha ferroviária que contribuíram ainda mais para a efetivação da atividade cafeeira na região destacada e no município de Araguari.

No item 2, são descritos o agronegócio cafeeiro e a sua importância econômica para o município de Araguari, descrevendo, primeiramente, como é essa vertente do agronegócio no Brasil, tanto no comércio dentro do nosso território quanto no comércio internacional. Em seguida é apresentado a maneira que a cafeicultura moderna se especializou no Cerrado Mineiro e se tornou diferente das demais no final do século XX.

No item 3 é analisado o agronegócio cafeeiro em Araguari e sua importância econômica para o município, além de apresentar como se dá a relação campo-cidade em seu território e o fator locacional estabelecido por esta atividade agrícola. Por fim, no último item aponta-se para futuros cenários e as principais perspectivas para o agronegócio cafeeiro de Araguari.

1. ORIGENS E CONDICIONANTES DA IMPLEMENTAÇÃO DA LAVOURA CAFEIRA NO MUNICÍPIO DE ARAGUARI

1.1 A Transição do Pensamento Neopositivista para o Pensamento Pós Marxista pelos Geógrafos Agrários Brasileiros

Para compreender melhor o processo de modernização agrícola e suas implicações no território brasileiro em meados da década de 1970, é preciso expor o pensamento do geógrafo agrário brasileiro na época, numa perspectiva teórico- metodológica.

Nesse período, a geografia agrária brasileira passou a deixar de lado certos paradigmas geográficos norte-americanos e europeus, para se embasar nos pesquisadores da questão agrária nacional (BRAY, 2007). Sendo assim, os geógrafos brasileiros, já no início da década de 1980, adotaram uma visão marxista e pós marxista visando as transformações do capitalismo no território brasileiro.

Ao adotar essa nova ótica para o território brasileiro, o geógrafo agrário, por meio de uma teoria crítica de base marxista, abandona uma visão positivista e neopositivista, as quais são caracterizadas pela neutralidade científica. Além disso, nessa ótica que foi abandonada, o objeto da pesquisa representava um dado externo ao sujeito, enquanto na teoria crítica existe uma relação orgânica entre sujeito e objeto.

Essa teoria crítica antes de ser “adotada”, no período anterior aos anos 1970, já sentenciava o atraso do capitalismo no campo brasileiro como um todo, além de reconhecer a necessidade de uma ampla reforma agrária como base para impulsionar a industrialização no país (BRAY, 2007).

Como citado anteriormente, no início dos anos 1980, por conta da teoria crítica de base marxista, novas abordagens passaram a ser tratadas na dinâmica capitalista no espaço agrário brasileiro. Assuntos como a nova divisão nacional e internacional do trabalho, a industrialização da agropecuária e as relações

sociais de produção no campo, são alguns exemplos de temas que viraram motivo de discussão pelos pesquisadores na época. Com isso, posteriormente, a agricultura brasileira deixou de ser, por conta da industrialização, uma área separada da economia do país e passou a fazer parte do complexo industrial. (BRAY, 2007).

Como consequência dessas ações, ainda embasado na teoria crítica, o estado industrial passou a ter domínio do processo de integração agroindustrial, logo a agricultura passou a destinar sua produção para a indústria e não mais para o comércio, afetando assim, principalmente o pequeno agricultor. Portanto, surgem novos desafios para as perspectivas da geografia agrária brasileira, as quais persistem até os dias de hoje.

As novas legislações ambientais, os novos produtos orgânicos e as máquinas que vem substituindo o trabalho do homem, são alguns exemplos desses desafios que predominam no espaço agrário brasileiro.

Ainda em resultado de tudo isso apresentado, é importante destacar a adoção do meio técnico-científico-informacional no território brasileiro, ainda em meados dos anos 1980, que consiste em nada mais do que fazer maior uso da técnica, ciência e informação, fazendo com que o agronegócio brasileiro se torne globalizado. O meio técnico-científico-informacional foi o principal responsável pela reorganização do espaço agrário nacional, com o acirramento da divisão social e territorial do trabalho e o crescimento da urbanização (ELIAS, 2007).

A expansão do agronegócio globalizado intensificou a urbanização em diversos municípios brasileiros, os quais passaram a se desenvolver relacionados às demandas produtivas de serviços e produtos especializados das empresas ligadas aos complexos agroindustriais.

Assim sendo, municípios médios e locais passaram a exercer novas funções e se tornaram elementos chave nas redes agroindustriais, logo pode-se explicar por meio desse fato a importância da expansão do meio técnico-científico-informacional em nosso território.

Segundo Milton Santos (1994), a adição de produtos químicos, a utilização de biotecnologia, o uso intensivo de máquinas agrícolas na época, entre outros, além de mudarem a composição técnica e orgânica da terra, fizeram expandir no campo o meio técnico-científico-informacional, com uma veloz e incessante substituição do meio natural e do meio técnico (ELIAS, 2007).

Ainda de acordo com Santos (1988), o resultado dessa expansão é uma total remodelação do espaço agrícola, o qual se tornou muito mais complexo, tornando o território brasileiro cada vez mais rígido e rugoso, devido às novas relações estabelecidas entre o espaço agrícola e o espaço urbano.

E, para finalizar, essa relação entre o urbano e o rural também foi provocada pelas novas demandas das empresas que fazem parte dos complexos agroindustriais, de produtos e serviços especializados, fato que aumenta ainda mais o consumo produtivo (ELIAS, 2007). Em sequência, o próximo tópico irá aprofundar sobre os acontecimentos da erradicação do café no sul do território brasileiro e abordar sobre a modernização da agricultura brasileira.

1.2. A “Erradicação” do Café no Sul do País e a Modernização da Agricultura no Brasil

Antes da cultura do café se estabelecer em Araguari e nos demais municípios do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, as produções de café se concentravam no sul do país, principalmente no norte do estado do Paraná, visto que, após a crise dos anos 1930 até o início da década de 1960, a cafeicultura no sul do Brasil foi marcada por uma alta oferta para uma menor demanda (GONÇALVES NETO, 1983).

Esse desequilíbrio entre oferta e demanda, fez com que fosse instituído, em 1961, o Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura – GERCA, o qual extinguiu cerca de 1,3 bilhões de pés no período de junho de 1962 a maio de

1967. Juntamente com essa grande “erradicação”, em 1969, as geadas somadas ao aparecimento da ferrugem (doença que ataca os cafezais), reduziram a produção nacional para 11 milhões de sacas, logo a situação que antes era de abundância passa a ser de escassez (ASSUNÇÃO, 2002).

De acordo com relatos de alguns pesquisadores, os maiores produtores de café do Paraná tiveram então como alternativa à "mecanização" e a transformação de suas lavouras em “lavouras brancas”, isto é, lavouras de soja e milho que são mais resistentes à geada e imunes aos nematóides do café e, aos menores produtores restou a possibilidade de deslocamento, como única saída para a permanência no meio agrícola (SOUZA JÚNIOR, 2011).

Diante desse contexto, foi criado o Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais (PRRC), concretizado a partir de 1969/70, o qual representou um marco no setor cafeeiro por objetivar principalmente os financiamentos para plantios em novas áreas (ASSUNÇÃO, 2002).

Coincidentemente, no mesmo período, ocorria a implantação de uma nova agricultura no Brasil, a agricultura moderna que é caracterizada pela introdução de novas tecnologias a partir do uso intensivo de insumos e maquinário (OTTOBELI, 2005), que contribuiu ainda mais para que a cafeicultura expandiu sua fronteira, atingindo o município de Araguari e as demais áreas de cerrado, como demonstrado no mapa a seguir, no Estado de Minas Gerais – Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (ASSUNÇÃO, 2002).

A implantação da agricultura moderna no Brasil e na região do Cerrado Mineiro merece atenção especial, pois é com ela que ocorre o que vários autores denominam de “industrialização da agricultura”, tornando-a uma atividade diretamente empresarial, abrindo um mercado de consumo para as indústrias de máquinas e insumos modernos.

Essa reforma agrária no território brasileiro, começou a ser efetivada em 1964 com a criação do Estatuto da Terra (Lei 4.504), que estabeleceu como referência de rearranjo espacial, a sucessiva extinção do latifúndio e minifúndio, surgindo a denominação de empresa rural.

A partir desse fato, os produtores, através de uma artificial conservação e fertilização do solo, mecanização da lavoura, seleção de sementes, dentre outros recursos, buscaram a obtenção de maior produtividade e maior lucro, também possibilitando a implantação do complexo agroindustrial do país (TEIXEIRA, 2005).

Perante esses fatores, a inserção e a consolidação do cultivo do café na região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba ocorreu de maneira diferenciada das demais regiões do estado de Minas Gerais. As condições climáticas da região, que é definida por temperaturas e pluviosidade ideais ao cultivo do café, com invernos secos (coincidentes com as colheitas), juntamente com as condições de relevo, com vastas áreas planas (facilitando a mecanização da colheita), favoreceram o desenvolvimento de uma cafeicultura moderna e tecnificada, baseada nos moldes da modernização agrícola, tornando assim o cerrado mineiro uma das primeiras e principais regiões de difusão da cafeicultura moderna no país.

1.3. Programas Governamentais de Desenvolvimento Agrícola no Cerrado

Ao mesmo tempo que ocorria a erradicação do café no Norte do Paraná principalmente e, juntamente, com a modernização da agricultura, o Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, junto com o Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata e outros estados receberam, diversos subsídios por meio de programas governamentais à época, para a instalação e a ampliação de atividades agrícolas no território brasileiro.

Como pode-se observar no quadro 1, o primeiro plano de desenvolvimento do Cerrado, idealizado pelo então secretário de agricultura de Minas Gerais, Alysson Paulinelli, e elaborado pelo Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), foi o chamado Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados- PCI, criado em 1972.

Esse Programa tinha como objetivo promover uma transformação tecnológica na agricultura, em uma área equivalente a 292.798 hectares do cerrado mineiro, através do financiamento de grandes projetos.

O objetivo foi parcialmente atingido, tendo em vista que apenas 230 projetos, distribuídos em uma área 50% inferior à inicialmente prevista, obtiveram financiamento. No total foram aplicados aproximadamente US \$32,9 milhões, que beneficiaram principalmente os grandes proprietários, com área média de 483 hectares, únicos em condições de anuir com as normas dos empréstimos, privilegiando em grande escala o setor industrial (SOUZA JÚNIOR, 2011).

A seguir, o Quadro 1 apresenta os principais programas governamentais de desenvolvimento agrícola no Cerrado, elaborados a partir da década de 1970.

Quadro 1 – Programas Governamentais de Desenvolvimento Agrícola no Cerrado

Programa	Criação	Área (ha)	Custo (U\$\$)	Local (Estado)
PCI	1972	111025	32 milhões	MG
PADAP	1973	60000	200 milhões	MG
POLOCENTRO	1975	3000000	868 milhões	MG, MS, MT, GO
PRODECER I	1979	60000	94 milhões	MG
PRODECER II	1985	180000	409 milhões	MT, BA, MG, GO, MS

PRODECER III	1994	80000	66 milhões	MA, TO
TOTAL		3491025	1.669 milhões	

Fonte: RIBEIRO, 2005.

Org.: o autor, 2020.

O Programa de Desenvolvimentos do Cerrado - POLOCENTRO-, foi o programa que mais se destacou. Criado em 1975 com o objetivo de incentivar e apoiar a ocupação racional das áreas de cerrados na região do Centro-Oeste brasileiro, nos estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, esse programa teve abrangência em 202 municípios.

Por esta “ocupação racional”, estava implícita a pretensão de desenvolvimento de uma agricultura de caráter empresarial, já que a meta do POLOCENTRO era incorporar, em cinco anos, 3,7 milhões de hectares dos cerrados, dos quais 1,8 milhão de hectares com lavouras, 1,2 milhão com pecuária e 700 mil com reflorestamento.

No período compreendido entre os anos de 1975 e 1984, foram destinados ao programa recursos da ordem de US \$868 milhões, distribuídos no setor de transporte, pesquisa agropecuária, armazenamento, energia, assistência e crédito rural (SOUZA JÚNIOR, 2011).

A cultura do café estabeleceu-se na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba nesse contexto, especialmente a partir do POLOCENTRO. Em Araguari, existem registros de tentativas anteriores de produção de café, datadas da década de 1960, mas não tiveram desenvolvimento.

Naquela oportunidade, chegou a ser determinado pelo Instituto Brasileiro (IBC), a erradicação das lavouras de café porventura existentes no município, por estarem situadas fora da área demarcada para produção pelo Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (GERCA), criado em

1969 para promover a implantação de lavouras racionais, com altos níveis de produtividade, localizada em zonas ecologicamente favoráveis.

Segundo Oliveira, o primeiro plantio de café financiado em Araguari ocorreu em 1972, em consequência da implantação das mencionadas políticas públicas de desenvolvimento do cerrado, amplamente divulgadas nas antigas áreas produtoras – como o interior do estado de São Paulo e Norte/Nordeste do estado do Paraná, região profundamente afetada por grandes geadas que impunham a poda do cafeeiro, reiniciando seu ciclo de formação (SOUZA JÚNIOR, 2011).

1.4. As Condições Físicas da Mesorregião e o Desenvolvimento da Malha Ferroviária

Como mencionado anteriormente, a mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba apresenta condições de relevo e climáticas ideais para o cultivo da cafeicultura modernizada. Primeiramente abordando as condições climáticas, o cerrado mineiro é conhecido por ser mais quente e seco no inverno, com temperaturas médias variando entre 18°C e 21°C (tropical de altitude), essa região não apresenta geadas, pois suas temperaturas mínimas chegam próximos a 10°C nos meses de junho e julho, ou seja, no inverno.

Por meio desse fator há um favorecimento no cultivo do café visto que, as geadas podem proporcionar inúmeras perdas na produção do grão. No verão, época da florada do café, é quente e chuvoso, o que favorece a formação dos futuros frutos, já no inverno o ar quente e seco favorece o processo de maturação, retendo aroma e sabor ao café e dificultando a fermentação por fungos (DO VALE; CALDERARO; FAGUNDES, 2014).

A precipitação média do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba varia entorno de 1200 a 1800 mm/ano, sendo que os dois meses mais chuvosos são março e outubro, os quais concentram grande parte da chuva de todo o ano, no período entre maio e setembro, os índices pluviométricos reduzem muito, chegando próximo a zero.

Perante a existência de um longo período de estiagem, a irrigação tornou-se uma necessidade básica para a produção do café no cerrado, sendo que praticamente 100% dos produtores utilizam desse mecanismo para produzir o café (DO VALE; CALDERARO; FAGUNDES, 2014).

A respeito das condições de relevo, na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, que apesar de ser composto por planaltos, serras e chapadas, com altitudes variando entre 820 e 1100 metros, apresenta extensas áreas planas a onde a mecanização agrícola é favorecida (DO VALE; CALDERARO; FAGUNDES, 2014).

As máquinas e tratores desenvolvidas para a realização de tratamentos culturais e à colheita de café não são apropriados para operação em terrenos inclinados, que são predominantes na Zona da Mata e Sul/Sudoeste de Minas, o custo de mão-de-obra corresponde a um percentual próximo de 50% do custo total de produção.

O desenvolvimento da malha rodoviária nessa região nos anos 1960 e 1970, também contribuiu significativamente para a implantação e a expansão da cafeicultura no cerrado mineiro e no município de Araguari, visto que por ela passam diversas rodovias estaduais e federais, além de ferrovias, permitindo assim a ligação com Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e São Paulo.

Com relação ao desenvolvimento da malha rodoviária, vale destacar também a implementação do Plano de Desenvolvimento do Centro-Oeste (PRODOESTE), que, mesmo não atingindo diretamente o Triângulo Mineiro, facilitou de certa maneira a ligação por rodovias asfaltadas de extensas áreas do Centro-Oeste à região do Triângulo (GONÇALVES NETO, 1983).

Sendo assim, essas foram as principais condicionantes. Da implementação da lavoura cafeeira em Araguari e no Cerrado Mineiro. No próximo tópico, será apresentado o desenvolvimento do agronegócio cafeeiro no Brasil como um todo, com destaque aos principais estados brasileiros que proporcionaram a solidificação desta produção, transformando o país no maior produtor e exportador de café do mundo.

2. O AGRONEGÓCIO CAFEIEIRO E SUA IMPORTÂNCIA ECONÔMICA NO BRASIL

2.1. O Agronegócio Cafeeiro no Brasil

O agronegócio cafeeiro no território brasileiro, além de representar um papel socioeconômicos essencial para o Brasil, é responsável por cerca de um terço da produção mundial de café o que faz o país ser, de longe, o maior produtor e maior exportador deste produto, sendo que esta posição está mantida nos últimos 150 anos.

Em um mercado globalizado e cada vez mais exigente, a atividade cafeeira brasileira é uma das mais importantes do mundo, tendo em vista as questões sociais e ambientais, e há uma preocupação em garantir a produção de um café sustentável. O Brasil também é o segundo maior consumidor da bebida no mundo, sendo este o 5º produto na pauta de exportação brasileira, movimentando, aproximadamente, cerca de US\$ 5,2 bilhões em 2017.

Atualmente, o café é fonte imprescindível de receita para centenas de municípios, além de ser o principal gerador de postos de trabalho na agropecuária nacional. Os expressivos desempenhos da exportação e do consumo interno de café implicam a sustentabilidade econômica do produtor e de sua atividade. Nosso país deve chegar ao primeiro posto de nação consumidora de café, nos próximos anos, superando os Estados Unidos da América.

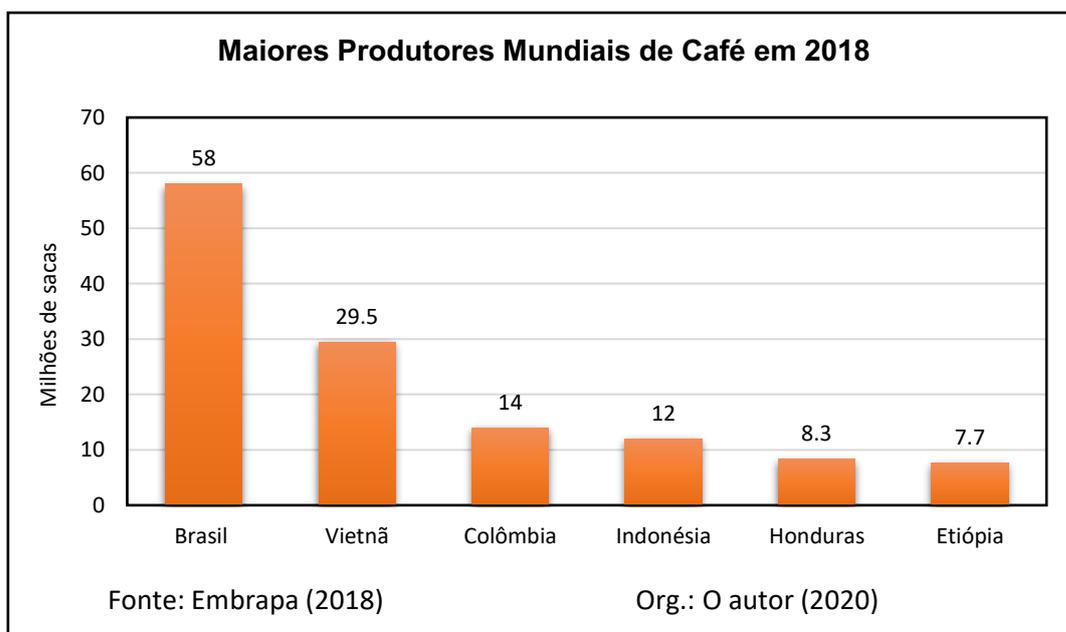
A produção de café no país ocupa uma área total de 2 milhões de hectares com cerca de 300 mil produtores, com predominância de mini e pequenos, em aproximadamente 1.900 municípios, distribuídos nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, Amazonas e Pará.

Quando consideramos que cada hectare cria, em média, dois empregos diretos e dois indiretos, constatamos que a cadeia produtiva do café gera mais

de oito milhões de empregos diretos e indiretos em nosso país (SUPLICY, 2012). Em sequência, serão apresentados três gráficos para se ter uma maior noção de como é importante o agronegócio cafeeiro no Brasil.

O gráfico 1 demonstra o ranking com os seis países que são os maiores produtores de café do mundo, no ano de 2018. O Brasil ocupava o primeiro lugar isolado com quase 60 milhões de sacas produzidas (representando 36% da produção global), sendo esse um recorde do país, pois 2018 foi um ano muito favorável para sua produção, devido ao seu ciclo bienal.

Gráfico 1- Maiores Produtores Mundiais de Café em 2018

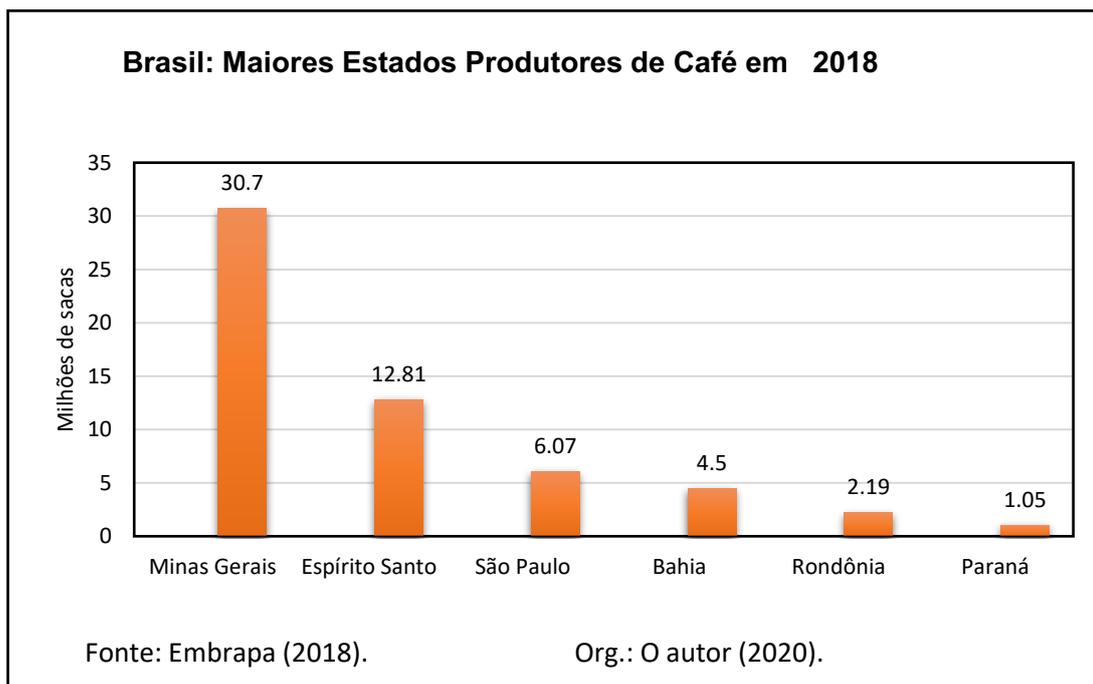


No território brasileiro, a área destinada ao plantio do café neste ano (2018) foi de 1,88 milhões de hectares, o que representou uma produtividade média recorde de 30,86 sacas por hectare, sendo um aumento de 27,4% em relação ao ano de 2017 (EMBRAPA).

O segundo lugar mundial era ocupado pelo Vietnã, que vem apresentando um crescente aumento em sua produção com 29,5 milhões de sacas produzidas, ocupando o posto que antes era representado pela Colômbia, a qual se encontra em uma grave crise econômica, justificando assim sua queda no ranking

mundial. Em seguida, aparecem, respectivamente, Indonésia (12 milhões), Honduras (8,3 milhões) e Etiópia (7,7 milhões), demonstrando um total equivalente a 18% da produção global. Entretanto, destaca-se a hegemonia brasileira na produção de café, logo, na sequência, será apresentado os estados brasileiros que são os maiores produtores de café.

Gráfico 2: Brasil: Maiores Produtores de Café em 2018



Em relação aos estados brasileiros maiores produtores de café, o gráfico 2 demonstra que Minas Gerais ocupava, em 2018, o primeiro lugar de forma isolada, produzindo mais de 30 milhões de sacas de café, sendo que o Sul de Minas e o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba juntos totalizando quase 50% dessa produção total brasileira.

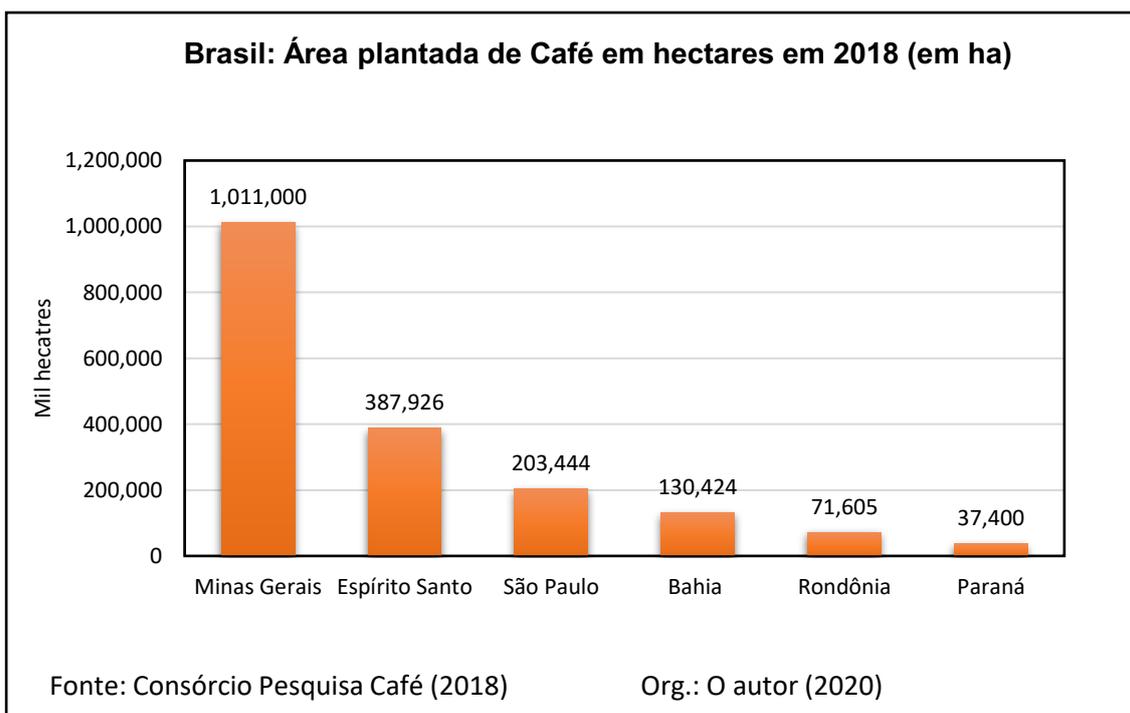
O estado do Espírito Santo ocupava o segundo lugar, produzindo cerca de 12,81 milhões de sacas (22% do rendimento brasileiro), significando também uma importante fonte da cafeicultura no Brasil. Em terceiro lugar, encontrava-se o estado de São Paulo com pouco mais de 6 milhões de sacas produzidas, sendo assim, os três estados maiores produtores são da região Sudeste.

A Bahia representa o Nordeste na cafeicultura com uma produção de 4,5 milhões de sacas (aproximadamente 8% do total no território brasileiro) e, em seguida, pela região Norte do país, o estado de Rondônia que foi responsável por 4% da produção total de café no Brasil.

Na região Sul, apenas o Paraná encontrava-se nesse ranking com uma produção de 1,05 milhões de sacas em 2018. Importante destacar que este estado, juntamente com São Paulo, lideravam a produção de café no país no início do século passado. Atualmente, ambos desenvolveram outros tipos de agricultura em seus territórios, o que reduziu a produção cafeeira.

As duas principais espécies de café plantadas no Brasil são o arábica (80% da área) e, o conilon, sendo que a produção da espécie arábica está concentrada no estado de Minas Gerais, o maior produtor dessa espécie (MAPA, 2018). Para se ter uma noção melhor da área plantada de café, o gráfico a seguir apresenta a dimensão espacial das plantações de café, em hectares, no território brasileiro.

Gráfico 3- Brasil: Área Plantada de Café em 2018 (em ha)



Como se observa no gráfico acima, os seis estados com maior área plantada de café no país são: Minas Gerais com 1.011 milhão de hectares, quantia que corresponde a aproximadamente 53% da área em produção de café brasileira; seguido por Espírito Santo, com área de 387.926 mil hectares o que equivale a 20%; em seguida, encontra-se o estado de São Paulo com 203.444 mil hectares, correspondendo a 11% da área em produção; após, aparece a Bahia, em quarto lugar, com 130,424 mil hectares, aproximadamente 7 % da área; enquanto que o estado de Rondônia se encontra em quinto lugar com 71,605 mil hectares, representando 4% da área; seguido pelo estado do Paraná com 37,400 mil hectares, valor equivalente a somente 2% área de produção do café brasileiro.

2.2 O Agronegócio Cafeeiro no Cerrado Mineiro

A maneira como a cultura do café se estabeleceu na região do Cerrado Mineiro já foi abordada anteriormente nesta pesquisa, porém a maneira que essa cafeicultura se especializou e se tornou diferente das demais no final do século XX, também é importante de se destacar e ser analisada.

Os anos de 1980 são marcados então pela especialização da Mesorregião do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba no cultivo de café. No entanto, essa região passa também a se tornar grandemente desprotegida a intervenções e interesses externos. Diante dessa justificativa é criado um conjunto significativo de associações de produtores e de cooperativas nos principais municípios que se dedicam ao cultivo (Araguari, Patrocínio, Carmo do Paranaíba, Monte Carmelo, Coromandel etc.), sendo Araguari a pioneira com a criação da Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA), em 1986.

A partir desse marco, estabeleceu-se em Araguari uma nova forma de cultivo de café no cerrado, visando os grandes eventos, a mecanização e os cultivos irrigados. A ACA, simultaneamente as outras instituições, desenvolveu uma articulação de produtores para a execução de uma cafeicultura competitiva, atuando de maneira direta na comercialização e modernização da produção. Sendo assim, em 1992 foi criado na cidade de Patrocínio o Conselho das

Associações dos Cafeicultores do Cerrado (CACCCER), com o objetivo de articular e defender os interesses das associações nessa região, na busca de novos mercados e na valorização da produção (PEREIRA, 2014).

Desde o começo dos anos 1990, a cafeicultura brasileira passou a conviver com o processo de desregulamentação do setor. Processo este associado ao fato de que ocorreu a extinção do Instituto Brasileiro do Café (IBC) e a retirada do Brasil dos acordos internacionais, o que levaria o setor a uma profunda crise, além do fim dos acordos internacionais que, por sua vez, possibilitou a entrada de novos concorrentes no mercado e a redução dos preços do produto (ORTEGA, 2015).

Perante essa situação, a CACCER, no ano de 1995, tomou a iniciativa de aumentar a valorização da produção de café no Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba e, através de esforços de certificação, conquistou o primeiro selo de indicação geográfica para a produção de café no Brasil - o "Café do Cerrado", resultando em um aumento expressivo do valor agregado do café na região, a qual passou a obter um maior status de qualidade e de padrão da produção (PEREIRA, 2014).

A partir desse momento, coube ao CACCER atestar a qualidade da produção de seus filiados que atendam às especificações exigidas por aquela certificação. Vale destacar que esse termo "Café do Cerrado" é substituído, em 2011, por uma nova nomenclatura: "Região do Cerrado Mineiro", com a intenção de proporcionar uma maior identificação de origem para a produção de café no Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba. Logo, a composição técnica da região e sua organização política proporcionaram à parcela do cerrado mineiro destinada à produção de café, a condição denominada "espaço competitivo agrícola" (PEREIRA, 2014).

Além disso, o sucesso dessa cafeicultura está ligado à constituição de um arranjo produtivo territorial rural, bastante institucionalizado, cuja inserção nos mercados nacional e global é cada vez mais expressiva (ORTEGA, 2015). O quadro 2 e a tabela 1 a seguir demonstram, em números, o desenvolvimento desse agronegócio cafeeiro em quatro municípios da região.

Quadro 2- Produção Cafeeira em Municípios da Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – 1970

Município	Quantidade (t)	Área (ha)	Pés produzidos
Araguari	7	8	7936
Monte Carmelo	93	102	91345
Patrocínio	158	200	148970
Uberlândia	3	5	2825

Fonte: Censo Agropecuário (1970).

Org.: O autor (2020).

Os quadros 2 apresenta dados comparativos a respeito das colheitas de café em 4 municípios do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: Araguari, Monte Carmelo, Patrocínio e Uberlândia; para comparar a cafeicultura da região no ano da implementação da atividade e como ela se encontra atualmente, após todos os processos de modernização.

Como o foco dessa pesquisa é o município de Araguari, os demais municípios apresentados, foram selecionados por possuírem um papel importante no complexo cafeeiro na região e por se situarem próximos a Araguari. O quadro 2 possui os dados obtidos do censo agropecuário de 1970, ano em que se deu a consolidação da Revolução Verde/Modernização Agrícola no Brasil, além da grande migração dos cafeicultores do estado do Paraná para o Cerrado Mineiro.

Esses dois fatores marcam de vez a implementação e o desenvolvimento da cafeicultura na região, sendo possível destacar que os municípios de Patrocínio e Monte Carmelo tomaram frente na produção de café nessa região, ambos somando um total de 251 toneladas no respectivo ano, enquanto Araguari produziu somente sete toneladas e Uberlândia apenas três toneladas.

Tabela 1 – Produção Cafeeira em Municípios da Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – 2018

Município	Quantidade (t)	Área (ha)	Valor da produção (%)	Valor da produção (R\$)
Araguari	29568	11200	94,7	206976
Monte Carmelo	30307	13120	97,83	227303
Patrocínio	82830	37400	99,4	625545
Uberlândia	554	210	3,63	3989

Fonte: PAM (2018).

Org.: O autor (2020).

A tabela 1 apresenta as Produções Agrícolas Municipais (PAM) do ano de 2018, em que, além dos critérios de quantidade produzida (t) e área colhida (ha), há também a adição de mais três critérios: área destinada à colheita (ha), valor da produção (%) e valor da produção (R\$).

Na referida tabela é possível perceber que, mesmo após 48 anos, Patrocínio ainda é o município que mais produz café na região com uma grande área para plantio (37.400 ha) e com uma produção de quase 83 mil toneladas.

No entanto, destacamos o município de Araguari, visto que, se comparada a cafeicultura do município de 1970 com a atual, o crescimento da produção de café foi enorme, atingido quase 30 mil toneladas produzidas numa área relativamente menor, se comparada a Monte Carmelo que possui uma maior área e uma quantidade produzida similar a Araguari.

No tópico seguinte, será apresentado todos os fatores que contribuíram para a consolidação do agronegócio cafeeiro em Araguari, também evidenciando os motivos por seu título de “Capital Mundial do Café Irrigado”.

3. ARAGUARI: A “CAPITAL MUNDIAL DO CAFÉ IRRIGADO”

3.1. O Agronegócio Cafeeiro em Araguari e sua Importância Econômica para o Município

O município de Araguari está localizado na parte oeste de Minas Gerais, mediante as coordenadas geográficas de 18°16' – 18°56' de latitude sul e 47°50' – 48°41' de longitude oeste, estando inserido na mesorregião do Triângulo e Alto Paranaíba. O município possui uma área de 2.774 km² sendo que deste total 54 km² correspondem a área urbana (ASSUNÇÃO, 2002). Araguari possui uma população de cerca de 117 mil habitantes e com, aproximadamente, 419 estabelecimentos agropecuários com 50 mil pés de café arábica ou mais existentes, gerando assim 27.549,480 toneladas de café por ano (IBGE, 2018).

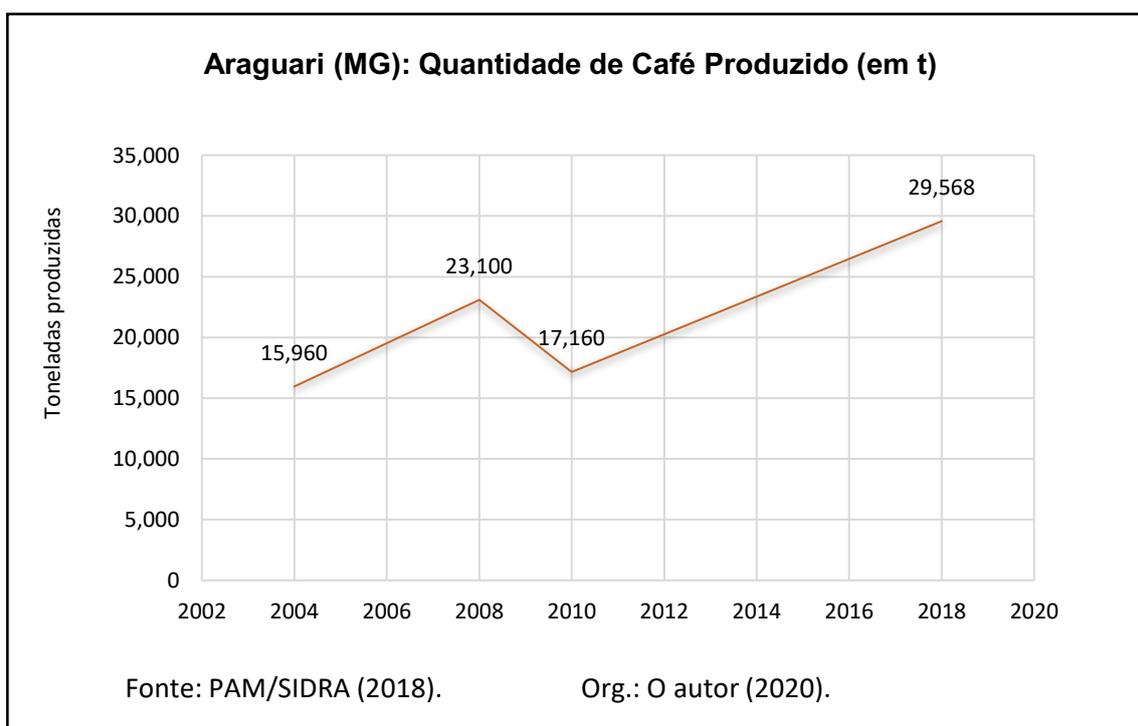
A área do município de Araguari, que será melhor representada na figura em sequência, faz parte de um grande conjunto do relevo brasileiro conhecido como Chapadões Tropicais do Brasil Central, que é caracterizada por grandes áreas planas, com uma vegetação predominantemente típica do Cerrado e, do ponto de vista termopluviométrico, suas precipitações anuais médias são pouco superiores a 1500 mm, porém, são marcadas por uma forte concentração das chuvas nos meses de dezembro e janeiro, chegando a responder por mais de 40% do total anual.(ASSUNÇÃO, 2002).

A figura 1 traz um recorte do município de Araguari e seus distritos, sendo que as manchas amarelas no mapa são as plantações de café pertencentes a Araguari. A figura representa uma área de 11.200 hectares destinados ao plantio e à colheita de café (2018). É possível notar que a maior parte de suas plantações se localizam no Distrito de Amanhece e em áreas próximas ao Distrito de Piracaíba, enquanto na região sudeste do território araguarino há também uma boa parte das plantações, só que de maneira espalhada.

Porém, com o surgimento da técnica de irrigação, pioneira em Araguari e na região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, esse cenário foi rapidamente revertido e os cafezais passaram a ser mais produtivos e econômicos do que antes, visto que na época a produtividade de 20 sacas/ha era uma meta a ser alcançada pelos grandes produtores. Atualmente a meta passou para aproximadamente 50 sacas/ha (ASSUNÇÃO, 2002).

Logo, a irrigação trouxe uma produtividade maior, como é apresentada no gráfico 4, além de gerar maior renda e fazer com que o produtor se tornasse mais competitivo no mercado. No período de colheita, resta ao produtor armazená-lo, em um dos diversos armazéns gerais existentes no município, e estabelecer a melhor estratégia de venda.

Gráfico 4- Araguari (MG): Quantidade de Café Produzido em 2018 (em t)



O gráfico 4 apresenta a quantidade produzida de café, em toneladas, no município de Araguari, a partir dos anos 2000. Pode-se notar que a produção apresenta constante crescimento, atingindo 23.100 toneladas de café em 2008.

Porém, entre 2009 e 2010, a produtividade sofreu um declínio de quase 6 mil toneladas em relação a 2008. Após esse período, a cafeicultura em Araguari vem crescendo gradativamente ao longo dos anos, sendo que, em 2018, foram produzidas 29.568 toneladas e a expectativa é que, para o ano de 2020, o município tenha produzido mais de 30 mil toneladas de café em seu território.

Na região pesquisada, a venda de café é integralmente realizada através de corretores especializados, que atuam a partir de escritórios na cidade de Araguari, realizando a conexão entre produtores e compradores, que podem ser desde grandes empresas multinacionais – as “*tradings*” – a pequenas torrefadoras regionais (SOUZA JÚNIOR, 2011).

Economicamente falando, a cafeicultura foi de suma importância para o desenvolvimento do território do município. Para Raffestin (1993), o território não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais, pois são eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder.

Ainda sobre o território, Raffestin (1993, p.8) complementa:

O território é também um produto "consumido", ou, se preferirmos, um produto vivenciado por aqueles mesmos personagens que, sem haverem participado de sua elaboração, o utilizam como meio. (RAFFESTIN, 1993, p.8).

Nesse sentido, o território é resultante da ação dos atores sociais, distribuída em redes interligadas em pontos ou “nós”. O conceito de território é abordado em função da projeção do trabalho humano em determinado espaço, desde a energia à informação e, em decorrência, mostra as relações marcadas pelo poder, destacando que o território tem um caráter político (MENEZES; CARDOSO, 2017).

O processo de globalização modifica o território, no sentido de apropriação, transformação e uso, tendo como objetivo a materialização de suas ações econômicas e políticas. De acordo com Santos (1997), no mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características

e novas definições. Também ganha uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização.

Os conceitos, de Raffestin (1993) e de Santos (1997), se encaixam no desenvolvimento da cafeicultura no território araguarino. O conceito de Raffestin se adapta a chegada dos cafeicultores do Sul do país (atores sociais), ainda na década de 1970, que iniciaram o cultivo do café moderno no município, ou seja, o território de Araguari, atualmente, é produto dessa implantação da cafeicultura moderna.

Além disso, esse agronegócio cafeeiro possui um caráter político no território do município, pois a ACA detém o poder de administrar e de regulamentar a atividade nas plantações, nas cooperativas, nos armazéns e nos pequenos estabelecimentos comerciais. E, aplicando o conceito Milton Santos (1997), a eficácia da cafeicultura em Araguari está diretamente ligada a localização do município, visto que Araguari situa-se em uma região propícia para o desenvolvimento dessa atividade agrícola moderna.

Assim, a implantação da cafeicultura moderna em Araguari foi muito importante para o desenvolvimento de seu território, pois criou oportunidades de vida para a população, novos postos de trabalho nas plantações e nos armazéns e expandiu o território do município com o aumento das áreas de plantações.

3.2 A Relação Cidade-campo e o Fator Locacional Estabelecido pelo Agronegócio Cafeeiro em Araguari

Voltando a dar destaque ao meio técnico-científico-informacional, de acordo com Milton Santos (1994), ele é um fator geográfico em que o território inclui obrigatoriamente três fatores: ciência, tecnologia e informação. A ciência, a tecnologia e a informação fazem parte dos afazeres cotidianos do campo modernizado, através das sementes especializadas, da correção e fertilização do solo, da proteção às plantas pelos inseticidas, da imposição de um calendário agrícola inteiramente novo, fundado na informação, o que leva para as cidades médias do interior um coeficiente de modernidade.

Logo, o meio técnico-científico-informacional se torna a nova “cara” do espaço e tempo, assim se instalando atividades hegemônicas, as quais são aquelas que possuem relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais (SANTOS, 1994).

Portanto, o avanço tecnológico das atividades agrícolas torna-se a expressão material da modernidade, principalmente num mercado competitivo no qual vivemos e que é controlado pelas demandas internacionais. A tecnologia é peça chave para garantir ao produtor rural a condição de se estabelecer no mercado e, mais do que isso, obter maior produtividade e eficiência na realização de seu trabalho (CANDIOTTO; SANTOS, 2009).

É fato também que a ciência, a tecnologia e a informação estão na base de todas as formas de utilização e de funcionamento do território, estes que se requalificam aos interesses hegemônicos da economia e da sociedade, envolvendo-se plenamente às correntes da globalização. Nesses territórios, o espaço rural e urbano, agora mundializados, são definidos pelo uso sistemático das contribuições da ciência e da técnica e por decisões de mudança que levam em conta, no campo e na cidade, os usos a que cada fração do território vai ser destinada.

O campo pode adaptar-se mais rapidamente às mudanças de uso, segundo os produtos, desde que haja recursos de capital e inteligência. Na cidade, as formas novas, criadas para responder a necessidades renovadas, tornam-se mais exclusivas, mais rígidas materialmente e funcionalmente, tanto do ponto de vista de sua construção quanto de sua localização.

Assim, pode-se concluir que a cidade se torna o lugar em que ocorre a regulação da atividade agrícola, sendo que nela é mais possível reconhecer a mutabilidade frenética a que o campo está subordinado, em função das exigências da globalização (SANTOS, 1994).

A partir desses conceitos, pode-se compreender que o campo e a cidade, no âmbito do agronegócio, funcionam de modo que um depende do outro, ou seja, estão totalmente interligados. Sendo assim, transfere-se então, a análise

do conjunto urbano-rural de uma lógica puramente setorial para uma lógica territorial, dando privilégio às ações e estratégias dos atores locais em ambientes inovadores (FUINI; PIRES, 2009).

Em Araguari, essa relação cidade-campo começa a ter maior destaque e desenvolvimento a partir da migração dos produtores rurais que vieram do Sul do país (principalmente do norte do Paraná) na década de 1970, aumentando cada vez mais o fluxo entre o campo e a cidade. Esse deslocamento rural-urbano no território trata-se na verdade de uma nova territorialidade.

Marcos Aurélio Saquet (2009, p.90) assim define a territorialidade:

A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida. (SAQUET,2009, p.90).

O fluxo gerado pelas atividades agrícolas em Araguari, fez com que se instalassem diversas lojas de insumos, de máquinas e de armazéns, em sua boa parte, próximos às saídas da cidade, favorecendo a relação entre o campo e a cidade. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa de campo pelos bairros da cidade de Araguari, a fim de se identificar os bairros onde há maior concentração desses empreendimentos rurais.

Conforme já apresentado, o principal método adotado nesta pesquisa de campo foi o da observação, o qual, segundo Gomes (2013), é o instrumento fundamental na descoberta espacial, além de ser um atributo básico para se entender o visível, e ainda captar o invisível, salienta Almeida (2013). Também é importante ressaltar que, devido a atual pandemia em que vivemos, esta pesquisa de campo foi realizada em um sábado à tarde (03 de abril de 2021), visto que nesse momento os empreendimentos estavam todos fechados, assim, respeitando todas as medidas sanitárias impostas pelo governo municipal de Araguari.

Conforme se observa no quadro abaixo, através dos resultados da pesquisa, há a presença de diversos empreendimentos agrícolas em Araguari, os quais comercializam diversos produtos.

Quadro 3 – Araguari (MG): Empresas e Armazéns Agrícolas, 2021

Nome/Razão Social	Endereço	Produtos Comercializados
AgroGotas Projetos e Irrigação	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 510 – Idelmino	Equipamentos para Irrigação e Adubos
Fert-Gotas	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 670 – Idelmino	Equipamentos para Irrigação
SIGMA Agronegócios	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 646 – Idelmino	Sementes e Insumos Tecnológicos
SETEC	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 530 – Idelmino	Sementes e Insumos Tecnológicos
Cultivar Cerrado	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 490 – Idelmino	Defensivos Agrícolas, Adubos, Fertilizantes e Corretivos do solo
FOCCO Agrícola	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 450 – Idelmino	Defensivos Agrícolas, Adubos, Fertilizantes e Corretivos do solo
Pinhalense	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 330 – Idelmino	Máquinas Agrícolas
Park Máquinas Agrícolas	Rodovia BR-050, Km 39,5, 1062 - Distrito Industrial	Máquinas Agrícolas
Brascafé	Rua Brasília, 300 - São Luiz	Armazenagem e Comercialização
Rondini	Rua Bela Vista, 40 - São Luiz	Armazenagem e Comercialização
Futura Agronegócios LTDA	Avenida Senador Melo Viana, 30 – Goiás	Defensivos Agrícolas, Sementes e Fertilizantes
Massey Peças Agrícolas	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 340 – Idelmino	Peças para Tratores
Protec Produtos Agrícolas	Avenida Minas Gerais, 1398 - Centro	Adubos, Sementes e Fertilizantes
Nutri Gotas	Avenida Senador Melo Viana, 1038 – Goiás	Equipamentos para Irrigação
Coopercitrus	Avenida Senador Melo Viana, 1127 – Goiás	Insumos Agrícolas (Shopping Rural)
Agrotec Comercial Agrícola	Rua Joaquim Barbosa, 1490 – Eduardo Mendes	Insumos Agrícolas
Maqnelson	Avenida Juscelino Kubitscheck, 1001 – São Luiz	Máquinas Agrícolas.

Biosfera Rural	Avenida Vereador Geraldo Teodoro, 1201 – Idelmino	Insumo Agrícolas
----------------	---	------------------

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Org.: O autor (2021).

Como podemos observar no quadro 3, há a presença de diversos empreendimentos no município que estão diretamente conectados ao agronegócio cafeeiro. A partir dos dados apresentados no quadro, é possível notar que o produtor rural araguarino consegue todos os equipamentos necessários para sua atividade agrícola na própria cidade, visto que há diversos empreendimentos que fornecem os insumos agrícolas e equipamentos para irrigação, o qual é um fator de suma importância no ramo do café devido às condições climáticas da região, além da presença de empresas de armazenagem e comercialização.

Em sequência, as figuras, 2, 3 e 4 ilustram alguns dos principais empreendimentos presentes em Araguari. A figura 2 apresenta as empresas que comercializam máquinas e peças agrícolas de Araguari, em que a *Pinhalense* (filial) e a *Park Máquinas Agrícolas*, são revendedoras de tratores e diversas outras máquinas agrícolas. A *Pinhalense* é uma empresa líder mundial em tecnologia para processamento de café, contando com cerca de 840 colaboradores, possuem máquinas em operação em quase 100 países para clientes de todos os portes e de vários segmentos do agronegócio.

A *Massey Peças Agrícolas* é uma loja responsável por comercializar somente peças para tratores e outros implementos agrícolas. A empresa *Maqnelson* é a que merece maior destaque, por ser a única das vendedoras de máquinas e tratores agrícolas existente em Araguari. Esta empresa tem origem no capital local, uma empresa familiar que preza pela qualidade de atendimento ao produtor rural e que possui uma parceria com a *John Deere*, corporação estadunidense também muito respeitada na esfera rural.

Cabe destacar também que estes empreendimentos, com exceção da *Massey Peças Agrícolas*, possuem filiais também no município de Patrocínio,

que também se configura como grande produtor de café na região, conforme apresentado na figura 2.

Figura 2 – Araguari (MG): Empresas de Máquinas e Peças Agrícolas



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Org.: O autor (2021).

A figura 3, apresentada na sequência, retrata algumas das empresas fornecedoras de diversos insumos que mais se destacam em Araguari. A *SIGMA Agronegócios* e a *SETEC* são lojas especializadas na venda de sementes e outros insumos tecnológicos para o campo.

Figura 3 – Araguari (MG): Empresas de Insumos Agrícolas

Coopercitrus



Biosfera Rural



Futura Agronegócios



Cultivar Cerrado



SIGMA Agronegócios



SETEC



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Org.: O autor (2021).

A *Cultivar Cerrado* representa um comércio qualificado de defensivos agrícolas, adubos, fertilizantes e corretivos do solo. Possui grande destaque por conta de uma parceria com a *Yara Fertilizantes*, uma empresa norueguesa renomada no ramo do agronegócio.

A *Futura Agronegócios* é uma empresa que atua no ramo de comercialização de defensivos agrícolas, sementes e fertilizantes. Possui sua matriz sediada em Araguari, mas também conta com oito unidades de negócios e um Centro de Tratamento de Sementes Industrial, distribuídas pelo Triângulo Mineiro e Sudoeste Goiano.

A *Coopercitrus* e a *Agrotec Comercial Agrícola* são empresas que fornecem insumos agrícolas em geral. No entanto, a *Coopercitrus* possui uma maior visibilidade no município por comercializar produtos de todos os segmentos do ramo do agronegócio, autodenominando como um *Shopping Rural*, também é responsável por vender tratores da marca *Valtra*, uma empresa finlandesa bastante renomada pelos seus produtos de extrema qualidade. Já a *Agrotec*, além de fornecer insumos, é uma empresa que prioriza bastante a assistência técnica aos seus consumidores

A *Biosfera Rural* é outra empresa que oferece diversos insumos para o trabalhador do campo, possui o objetivo de inovar a cadeia produtiva do agronegócio, relacionado à assistência técnica, serviços e tecnologias, de modo sustentável e rentável aos seus consumidores.

Dando continuidade, a próxima figura (4) apresenta os principais empreendimentos que comercializam equipamentos e projetos de irrigação na cidade de Araguari.

Figura 4 – Araguari (MG): Empresas de Irrigação e Armazéns



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Org.: O autor (2021).

Pela figura 4 pode-se observar a empresa *Fert-Gotas* e da *Agro Gotas* as quais são estabelecimentos especializados em projetos de irrigação das lavouras, além de comercializarem aparelhos e equipamentos para uso agropecuário.

A *Brascafé* e a *Rondini* são os principais armazéns na cidade nesse ramo, são responsáveis pela armazenagem de café e pela comercialização a diversos

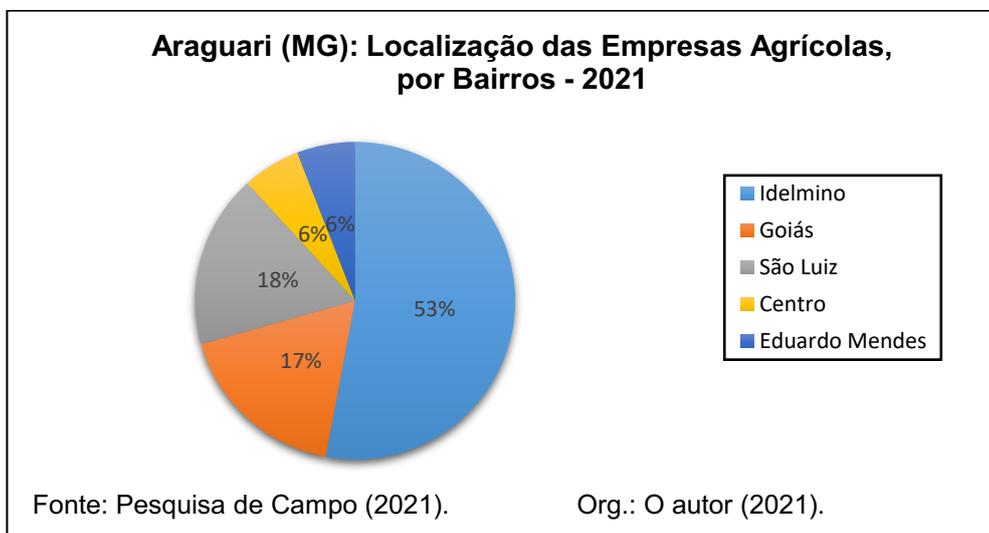
municípios do Cerrado Mineiro, além de outras regiões e estados brasileiros, sendo que ambas se localizam às margens da Rodovia BR- 050.

Ainda a respeito da localização desses empreendimentos, pode-se afirmar que em Araguari o fator locacional econômico imposto pelo agronegócio baseia-se na teoria locacional neoclássica a qual define que a decisão da localização do empreendimento baseia-se na facilidade da distribuição, na mão de obra e nos menores custos de transporte, ou seja, a decisão da localização possui um caráter econômico (VARGAS,2001) e, de acordo com Nelson (1958), a acessibilidade é um dos princípios básicos para a escolha da localização varejista.

Esses conceitos aplicam-se no território araguarino visto que, a localização desses estabelecimentos agrícolas, em sua maior parte, é bem próxima ao campo na porção sul do município e, também, da Rodovia BR-050, que liga Araguari à Uberlândia e aos demais municípios da região, fato que gera menos custos com o transporte e torna ainda mais acessível a circulação e a migração de pessoas e produtos entre o campo e a cidade.

O gráfico a seguir, apresenta como se distribui os empreendimentos e empresas agrícolas pelos bairros de Araguari, a fim de demonstrar como se aplica esses fatores locacionais na prática.

Gráfico 5- Araguari (MG): Localização das Empresas Agrícolas, por Bairros - 2021



Analisando o gráfico (5), conclui-se que, o bairro Idelmino, localizado na porção sul da cidade, concentra 53% desses empreendimentos de Araguari. É nesse bairro onde está localizada uma das avenidas mais movimentadas do município que é a Avenida Vereador Geraldo Teodoro, que liga o centro da cidade diretamente com às margens da Rodovia BR-050.

No bairro São Luiz, localizado paralelamente ao bairro Idelmino, encontra-se ainda boa parte dos empreendimentos agrícolas (18%), em ruas e avenidas bem próximas também à Rodovia BR-050.

No bairro Goiás, localizado na porção oeste da cidade, encontram-se 17% das empresas e lojas rurais do município. Importante salientar que é nesse bairro que se encontra a Avenida Senador Melo Viana, que faz ligação com a Rodovia MG-223, onde se predomina uma boa parte das plantações de café dos produtores de Araguari.

Já os bairros Eduardo Mendes e Centro concentram apenas 6% das lojas especializadas em atividades rurais, entretanto pode-se destacar o bairro Eduardo Mendes por se encontrar paralelo aos bairros Idelmino e o São Luiz, além de estar também próximo às margens da BR-050.

Outra questão locacional existente no município por meio do agronegócio, é o local em que se encontra a Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA), representada logo abaixo na figura 5, responsável por regular as práticas cafeeiras no campo. A Associação localiza-se no centro, mais precisamente na Rua Jaime Gomes. Assim, reafirma-se a discussão feita por Milton Santos (1994), em que a cidade se torna o lugar em que ocorre a sistematização e estruturação das atividades agrícolas.

Figura 5- Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA)



Fonte: Pesquisa de Campo (2021).

Org.: O autor (2021).

A ACA, apresentada na figura 5, como afirmado anteriormente, é a associação de cafeicultores pioneira na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba com o intuito de ser o órgão de representação e de defesa da classe dos produtores rurais que se dedicam à cafeicultura (ACA, 2015).

Reforça-se, assim, a questão da relação cidade-campo, pois o agronegócio cafeeiro do município de Araguari foi um dos grandes responsáveis por estreitar a relação entre o rural e o urbano, tanto de maneira econômica quanto de maneira locacional.

Portanto, este é um dos principais fatores responsáveis por Araguari ser uma referência em tecnologia na produção de café, representando um dos maiores índices produtivos do Cerrado Mineiro com cerca de 50 sacas/ha, sendo quase 20 mil hectares em produção. Araguari também possui o título de “Capital do Café Irrigado”, visto que, de acordo com a ACA, 60% do PIB araguarino é representado pelo agronegócio cafeeiro.

A figura seguinte, ilustra essa denominação com a representação de *outdoor*, exposto numa das principais entradas da cidade.

Figura 6 – Araguari (MG): Capital Mundial do Café Irrigado.



Fonte: Pesquisa de Campo (2021).

Org.: O autor (2021).

Na figura 6 é representado uma das vias de acesso da cidade, onde contém uma placa que faz uso do título de “Capital Mundial do Café Irrigado”, pois mais de 90% dos plantios presentes no município são irrigados (BIGHETTI, 2017).

Além da cafeicultura desempenhar um importante papel socioeconômico e locacional no setor terciário da cidade, é no município de Araguari-MG que ocorre anualmente a Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura- FENICAFÉ, sendo o maior evento do gênero no país, atraindo cafeicultores de todo Brasil e investidores estrangeiros. Em sequência, no próximo tópico, a FENICAFÉ será melhor apresentada, destacando também os futuros cenários da cafeicultura araguarina e brasileira como um todo.

4. FUTUROS CENÁRIOS E PERSPECTIVAS PARA O AGRONEGÓCIO CAFEIEIRO DE ARAGUARI

4.1. A FENICAFÉ

A Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura - FENICAFÉ, congrega três eventos que se desenvolvem simultaneamente: o Encontro Nacional de Irrigação da Cafeicultura, o Simpósio Brasileiro de Pesquisa em Cafeicultura Irrigada e a Feira de Irrigação do Café. Estes eventos atraem a presença de inúmeros produtores, não apenas da região, mas de todo o país.

No período de três dias, de duração da feira, ocorrem diversos eventos, a exemplo de palestras proferidas principalmente por agrônomos, de conteúdo eminentemente técnico, além da demonstração e da transação de inúmeros produtos, desde implementos pesados como tratores, colheitadeiras etc., a insumos diversos (SOUZA JÚNIOR, 2011).

A FENICAFÉ é organizada pela ACA e tem como consumidores produtores, pesquisadores e estudantes interessados em conhecer as mais novas técnicas desenvolvidas para a melhora no cultivo do café irrigado, incluindo o processo de plantio, manejo e colheita.

O evento, representado na figura 7, consiste num importante acontecimento econômico, gera cerca de mil empregos diretos e indiretos, proporcionando uma importante fonte de renda ao município e à sua população. Portanto, ao se pensar nos futuros cenários para o agronegócio cafeeiro, a FENICAFÉ é onde são impostas e discutidas essas perspectivas para a cafeicultura tanto do município de Araguari quanto para toda cafeicultura brasileira.

Figura 7- Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura (FENICAFÉ)



Fonte: Revista de Agronegócios (2019).

Sobre as transações realizadas na feira é importante destacar ainda que, além da divulgação do quantitativo negociado, em reais, ao final da FENICAFÉ, todos os implementos adquiridos são devidamente identificados, com o nome de seus adquirentes, propriedade e município de origem.

Esse fato reforça o mecanismo de afirmação pública da capacidade econômica da feira, sendo mais um dos diversos mecanismos de distinção propiciados pelo evento a determinados grupos e produtores em relação a seus “pares” (SOUZA JÚNIOR, 2011).

Cabe ressaltar que a FENICAFÉ do ano de 2020, foi cancelada devido a pandemia atual, da Covid-19. A expectativa era de que esta edição da feira tivesse mais de 90 empresas expondo seus produtos, numa área de cerca de 5 mil metros quadrados e gerassem R\$ 30 milhões em volume de negócios. A estimativa de público/consumidor era de 20 mil pessoas, de mais de 100 cidades, durante os três dias de evento.

4.2 Futuros Cenários para a Cafeicultura em Araguari

Além dos importantes negócios realizados nesse evento, a qualidade técnica das palestras é um dos principais diferenciais da maior feira da cafeicultura irrigada do país. Em 2019, o destaque foi para a palestra do professor Dr. Fernando Braz Tangerino Hernandez, da UNESP (Campus de Ilha Solteira - SP).

Nessa palestra ele afirmou que é hora de aumentar a proteção dos recursos e reavaliar sistemas de irrigação para que promovam um manejo mais racional do uso da água, principalmente em regiões onde o déficit hídrico deverá tornar-se uma grande limitação para a produção do café (RODRIGUES, 2019).

Ainda de acordo com o pesquisador, o maior desafio é o manejo da irrigação e a capacitação técnica, juntamente com a implantação de novas tecnologias com avanço e barateamento da eletrônica e a determinação de

coeficientes de cultura. “É necessário inovar; não dá só para copiar. É preciso criar uma nova empresa e reinventar o nosso setor”, afirmou Hernandez. Sendo assim, Hernandez, estabeleceu que uma irrigação mais inteligente e capacitada é o futuro para a cafeicultura araguarina e brasileira, pois por meio dela se produzirá mais sacas de café e, conseqüentemente, maiores lucros.

Ainda na FENICAFÉ de 2019, o presidente da ACA, Claudio Morales Garcia, sustentou a perspectiva de Hernandez complementando que os cafeicultores devem estar prontos para buscar recursos que elevem a qualidade da produção e a competitividade nos mercados nacional e internacional.

A necessidade de se atualizar e de investir na lavoura e técnicas de manejo vem ao encontro de uma cafeicultura mais sustentável e preparada para atender, principalmente, os desafios do Brasil quanto às demandas de consumo globais (RODRIGUES, 2019).

O ex-prefeito do município de Araguari, Marcos Coelho, também esteve presente e se pronunciou no evento destacando a importância da produção cafeeira do município. Em sua exposição o ex-prefeito afirmou que Araguari é uma grande produtora de café, tendo cerca de 97% do seu plantio irrigado, e ocupa a terceira maior produtora nacional. Ainda de acordo com ele, Araguari é a cidade que mais produz café por hectare, podendo ser considerada como uma das líderes no setor e em tecnologia.

E, perante a tais panoramas discutidos e apresentados, Marcos Coelho afirmou que a prefeitura, mesmo com o fim do seu mandato, juntamente com a ACA, não medirá esforços para que se aprimore a irrigação na cafeicultura do município.

Com estas afirmações, pode-se observar que o município, representado por seus gestores e os agentes econômicos locais, têm como objetivo continuar investindo na cultura de café irrigado e manter o papel de a “Capital do Café Irrigado” do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de territorialização do agronegócio cafeeiro no município de Araguari teve seu início em 1969/1970, com a chegada dos cafeicultores que se concentravam no sul do país, principalmente no norte do estado do Paraná, na mesorregião do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba.

Nesse mesmo período, ocorria a implantação de uma nova agricultura no Brasil, a agricultura moderna, caracterizada pela introdução de novas tecnologias a partir do uso intensivo de insumos e de maquinário, contribuindo ainda mais para que a cafeicultura expandisse sua fronteira, atingindo o município de Araguari e as demais áreas de cerrado no Estado de Minas Gerais.

As condições climáticas e de relevo também favoreceram o desenvolvimento de uma cafeicultura moderna e tecnificada, baseada nos moldes da modernização agrícola, tornando assim o cerrado mineiro uma das primeiras e principais regiões de difusão da cafeicultura moderna no país.

Além disso, o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba junto com o Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata e outros estados, receberam diversos subsídios por meio de programas governamentais na época, para a instalação e ampliação de atividades agrícolas no território brasileiro.

A cultura do café estabeleceu-se na região do cerrado mineiro neste contexto, especialmente a partir do POLOCENTRO, programa que mais teve importância para a região. Em Araguari, o primeiro plantio de café financiado por esse programa ocorreu em 1972, em consequência da implantação das mencionadas políticas públicas de desenvolvimento do cerrado.

O final do século XX foi marcado pela especialização da região do cerrado mineiro no cultivo de café e pela territorialização no município de Araguari, a partir desse agronegócio. Portanto, por meio dos aspectos já discutidos neste trabalho, compreende-se que a chegada dos cafeicultores do sul do país foi um

fator fundamental para a territorialização de Araguari, isto é, o território araguarino é resultado da implantação da cafeicultura moderna.

Ressalta-se, também, que esse agronegócio cafeeiro possui hoje um caráter político no território do município, pois a ACA é a entidade que administra e regulamenta a atividade cafeeira em todo o município.

Em termos econômicos, conclui-se que a cafeicultura trouxe novas oportunidades de emprego e de vida para a população de Araguari. Consiste, também, numa importante atividade na expansão do território de Araguari com o aumento das plantações.

Ainda por meio da pesquisa de campo, apurou-se que o fator locacional, imposto pela cafeicultura e outras atividades agrícolas em Araguari, em que uma grande parte das empresas agrícolas do município se encontram próximas ao campo e à rodovia BR-050, tem contribuído para a concentração das atividades de comércio e de serviço em determinados eixos viários que possibilitam melhor acesso dos consumidores aos produtos oferecidos.

Outras questões como, o processamento e comercialização do café, as quais não foram aprofundadas neste trabalho, são vertentes que podem contribuir ainda mais para o desenvolvimento da cafeicultura araguarina, sendo elas bastante interessantes de serem analisadas. Dado que, as pequenas torrefações de cafés especiais já são uma forte tendência no agronegócio cafeeiro no Brasil como um todo.

Por fim, ao se tratar da FENICAFÉ, complementa-se que ela é uma feira de suma importância para Araguari e para a cafeicultura brasileira em geral. Ela é importante para Araguari no sentido que gera muitos empregos durante a realização do evento, além de atrair investidores e pesquisadores para o município. Mas também, é uma feira muito significativa para a cafeicultura brasileira, pois é nela que os especialistas do ramo apresentam os principais desafios e concepções desta atividade agrícola.

Esses e outros fatos já apresentados e discutidos nesta pesquisa, mostram como o município de Araguari, hoje, é um grande exemplo na produção

de café, em termos de produtividade e qualidade, para os demais municípios da região do Cerrado Mineiro e do Brasil, fazendo jus ao título de “Capital do Café Irrigado” para o município. Logo, pode-se afirmar que, o agronegócio cafeeiro em Araguari já é uma atividade muito consolidada no município e, se encontra no caminho certo para se tornar o maior produtor nacional com 100% do seu plantio irrigado.

REFERÊNCIAS

ACA. História do Café. **Associação dos Cafeicultores de Araguari**. Araguari, MG, 2015. Disponível em: <http://www.aca.com.br/?pg=historia-cafe>. Acesso em: 01 jul. 2019.

ALMEIDA, M.G. de. OBSERVAR E ENTENDER O LUGAR RURAL: TRILHAS METODOLÓGICAS. In: VARGAS, M. A. M; SANTOS, D. L. **TEMPOS E ESPAÇOS DA PESQUISA QUALITATIVA**. Criação: Aracaju, 2018. p. 45-70.

ASSUNÇÃO, W. L. Climatologia da cafeicultura irrigada no município de Araguari (Minas Gerais). **Observatório Geográfico América- Latina**. Universidade Estadual Paulista, Brasil, 2002, p. 1-12. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/17.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.

AVELAR, E. M. Análise Cadeias Produtivas do Café. **Cadeias Produtivas**. 2016, p.1-5. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9158137-Cadeias-produtivas-analise-cadeia-produtiva-do-cafe.html>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BELTRÃO, A. F. História completa do café no Brasil. **Revista Cafeicultura**. jul. 2018. Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br/?mat=66568>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BIGHETTI, H. Município de Araguari no Cerrado mineiro irriga mais de 90% da área de café. **Revista Cafeicultura**. Araguari, MG, 2017. Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br/?mat=64193>. Acesso em: 01 jul. 2019.

CANDIOTTO, L. Z. P.; DO SANTOS, R.A. Experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial. **TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS**. Ed.1. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, p. 315-340, jan. 2009.

DO VALE, A. R.; CALDERARO, R. A. P.; FAGUNDES, F. N.; A CAFEICULTURA EM MINAS GERAIS: estudo comparativo entre as regiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul/Sudoeste. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**. Edição especial do XXI ENGA-2012, Uberlândia, 2012, p. 1-23, jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/26933>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FERNANDES, B. M. Movimentos sócioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**. ano 8, n. 6, p. 24-34, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1460>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FUINI, L. L.; PIRES; E. L. S. As dimensões da governança territorial: delineamento preliminar de aspectos teóricos e morfológicos. **TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS**. 1ª. ed. Expressão Popular: 2009, p. 291-313.

GONÇALVES NETO, W. Agricultura e política agrícola na década de 70: a cafeicultura em Araguari, MG. **Repositório Unicamp**, Campinas, SP, 1983, 144p. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/282014/1/GoncalvesNeto_Wenceslau_M.pdf. Acesso em: 26 jun. 2019.

IBGE. Censo Agropecuário de Araguari. **IBGE Cidades**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/araguari/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 01 jul. de 2019.

MAPA. Café no Brasil. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. 2017. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/cafe/cafeicultura-brasileira>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MAPA. Produção dos Cafés do Brasil equivale a 36% da produção mundial em 2018. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. mai. 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/34724227/producao-dos-cafes-do-brasil-equivale-a-36-da-producao-mundial-em-2018>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MENEZES, H. J.; CARDOSO, E.S. Território e Territorialização: Questões conceituais para uma abordagem e leitura dos movimentos sociais. **Revista Pegada**. vol. 18, n.3, p.101-123, set/dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.33026/peg.v18i3.5140>. Acesso em 15 jun. 2020.

NOVAES, R. B. Gente de Fora – Vida e trabalho dos assalariados do café em uma região de Minas Gerais. **Sociedade e economia do agronegócio**. v.2, Rio de Janeiro, E-papers, 200 p., jan. 2011.

PEREIRA, M. F. V. O Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do cerrado mineiro. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**. Bogotá, vol.23, no.2, p. 239-254, jul/dec. 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-215X2014000200015. Acesso em: 26 jun. 2019.

ORTEGA, A.; JESUS, C. Café do Cerrado: Certificação de origem, nova sociologia econômica e desenvolvimento territorial rural. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Brasília, vol.49, no.3, p. 21, jul./set. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032011000300010>. Acesso em: 15 jun. 2020.

OTTOBELI, D. Modernização agrícola e as transformações socioespaciais de Caldas Novas-GO. **Repositório UFU**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. 131p. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16064>. Acesso em: 26 jun. 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RODRIGUES, L. FENICAFÉ 2019: Autoridades defendem equilíbrio entre a oferta e a demanda para o setor. **Revista Attalea Agronegócios**. mar. 2019. Disponível em: <https://revistadeagronegocios.com.br/fenicafe-2019-autoridades-defendem-equilibrio-entre-a-oferta-e-a-demanda-para-o-setor/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

RODRIGUES, L. FENICAFÉ 2019: Qualidade técnica das palestras foi o principal diferencial da maior feira da cafeicultura irrigada do país. **Revista Attalea Agronegócios**. mar. 2019. Disponível em: <https://revistadeagronegocios.com.br/fenicafe-2019-qualidade-tecnica-das-palestras-foi-o-principal-diferencial-da-maior-feira-da-cafeicultura-irrigada-do-pais/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. **Territórios e Territorialidades: Teorias, Processos e Conflitos**. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 73-94.

SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo- Globalização e Meio Técnico-Científico- Informacional**. 5ª. ed. Editora Edusp: São Paulo, 1994. 176p.

SOUZA JÚNIOR, H. P. de. O lugar do Progresso – Família, trabalho e sociabilidade em uma comunidade de produtores de café do cerrado mineiro. **Sociedade e economia do agronegócio**. v.3, Rio de Janeiro, E- papers, 218 p., jan. 2011.

SUPLICY, E. M. Brasil se consolida na tradição de grande produtor mundial de café. **Revista Visão Agrícola**. n.12, p. 124-126, jan/jul. 2013. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/visaoagricola/sites/default/files/va12-custos-e-comercializacao03.pdf>. Acesso em 15 jun. 2020.

TEIXEIRA, J. C. Modernização da agricultura no Brasil: Impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas**, v. 1, n. 2, p. 21-42, set. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/1339>. Acesso em: 15 jun. 2020.

VARGAS, H. C. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 49-90.